

## APRESENTAÇÃO

Presentation

Júlia Calvo

O número se apresenta vivenciou dois momentos: os textos foram recebidos antes da Pandemia do Covid-19 mas o trabalho de produção na revista atravessou o “antigo normal” e ocorreu também durante à questão sanitária que nos exigiu novos aprendizados e trouxe à tona muitos sentimentos diferentes. Constitui-se, assim, momento privilegiado para a reflexão sobre o papel da História, do Pesquisador e do Professor nesse mundo tão transformado em que nos encontramos.

Valoriza-se assim, ainda mais, os espaços de reflexão que se abrem por meio dos periódicos e convido a todos para começar essa reflexão com o texto **O Sol, A Serpente e o Leão: Saúde e Política nas dissertações acadêmicas de Luís Siqueira da Gama (1724-1725)**, em que o trabalho de Marcelo Kochenborger Scarparo nos permite viajar no tempo por meio da Academia Brasílica dos Esquecidos, que funcionou em Salvador entre 1724 e 1725 dando espaço para discutir a Saúde (na relação com a felicidade) pela lente de Luís Siqueira da Gama.

Na sequência avança-se na discussão dos intelectuais e a História da Educação com o artigo de Ricardo Fernandes Pataro: **História da educação, revoluções educacionais e objetivos da escola na contemporaneidade**. Muito importante também no contexto de reorganização educacional em que vivemos com a Reforma do Ensino Médio, as reformulações na Base Nacional Curricular Comum e o Ensino Remoto exigido na Pandemia, o autor discute As Revoluções Educacionais, como são chamadas por ele as mudanças da instituição escolar no contato com as condições sociais que a envolvem, analisando três momentos: a criação e generalização da Escola, o processo de estatização da Escola e a *Pedagogia da Exclusão* e a busca pela universalização do ensino.

Continuando no campo intelectual, Maria Angelica Zubaran e Thanise Guerini Atolini investigaram as ações da campanha contra o analfabetismo pelos redatores do jornal da imprensa negra *O Exemplo* (1892-1930) no Rio Grande do Sul, no pós-abolição com uma discussão interessante e de grande importância ainda nos nossos dias com o artigo intitulado **A Contestação aos Preconceitos Raciais na Instrução e a**

## **Campanha contra o Analfabetismo: O protagonismo de Intelectuais Negros na Imprensa Negra.**

Também no século XIX, Edilmar Cardoso Ribeiro, analisa as tensões entre o governo imperial brasileiro e a Santa Sé em **Impasses nas relações entre o Governo Imperial Brasileiro e a Santa Sé** com a análise do decreto n° 373, de 30 de julho de 1844, que regulou a distribuição dos missionários capuchinhos em missão pelas províncias do Brasil. Com um estudo documental cuidadoso, o autor discute o contexto da criação do Decreto, os desentendimentos entre a Santa Sé e o governo e os impactos que culminaram com as Missões Apostólicas 1862 abrindo a percepção das negociações que se estabeleceram nessas relações de poder e refletindo nas disputas acerca do modelo do Padroado instituído no Brasil.

As divergências políticas durante o império não se restringiram às instâncias e às estruturas de poder. No plano interno, as divergências políticas surgiram desde a organização do Estado Nacional Brasileiro. Os autores Francisco de Assis Oliveira Silva e Johny Santana de Araújo em **A construção do Estado Imperial brasileiro: Confederação do Equador e a província do Piauí 1823-1825**, discutem as articulações das elites locais e as estratégias de manutenção da unidade e da ordem pelo governo imperial durante as lutas da Independência a partir da análise da Confederação do Equador, na Província do Piauí indicando bandeiras e disputas em torno do regime brasileiro pós emancipação.

Em **O sertanejo Bernardino e a fábrica britânica de Marauá**, Rute Andrade Castro nos leva a conhecer um pouco da História da Vila de São Sebastião de Marauá que, da produção de farinha, abriu espaço para a produção de ácido sulfúrico, velas e sabão envolvendo disputas entre empreendedores ingleses e o governo brasileiro. O artigo analisa o processo de Bernardino Moreira de Souza, empregado da fábrica de Marauá, que atentou contra a vida de um dos seus empregadores. Registra-se assim as possibilidades que se abrem de análise a partir de um caso curioso e instigante que permite conhecer os meandros das relações de trabalho e das relações que se estabeleceram entre a fábrica e a Vila.

A riqueza dos estudos sobre o século XIX nesse número não param por aqui. Gustavo Figueira Andrade e Maria Medianeira Padoin estudaram o General João Nunes da Silva Tavares, que ficou conhecido como Joca Tavares, e nos apresentam o general, importante liderança regional campanha Sul Rio-Grandense e Comandante Militar da Fronteira, de 1890 a 1891, no artigo **A Trajetória do General João Nunes Da Silva Tavares (Joca Tavares) durante a Revolução Federalista de 1893-1895 através de**

**suas cartas e telegramas**, dirigindo o olhar para as disputas nas áreas de fronteira e para a atuação militar e política nos primeiros anos da República.

Avançando no tempo e ampliando para o espaço sul americano, **Os rosários precederam os coturnos: o anticomunismo nas Cruzadas do Rosário em Família na América Latina e os golpes civil-militares (1960-1964)**, de Anderson Jose Guisolphi, discute as Cruzadas do Rosário em Família, movimento continental que circulou no Brasil entre 1962 e 1962 como estratégia para combater as ações anticomunistas nos meios católicos. Constitui-se sem dúvida numa leitura importante para refletir sobre a década de 1960 e o contexto de Guerra Fria, mas também serve para reflexões do nosso tempo atual.

Sobre o tempo presente, em **Razões para a queda do lulismo**, Diego Pereira Siqueira busca apontar algumas das causas do esgotamento de um modelo (o lulismo) que se colocou como alternativa ao liberalismo da década de 1990, também denominado de Neoliberalismo ou Consenso de Washington. Siqueira parte de uma questão central: As razões para a queda do lulismo não estariam, como sementes, presentes nas condições que permitiram seu sucesso? A partir dessa reflexão central, analisa o lulismo como um fenômeno político desvendando as estruturas do contexto que permitiram seu avanço e que desenharam sua crise.

Na sequência, Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli traz um pouco de leveza em **A memória em Caminho como uma casa em chamas de António Lobo Antunes**. Abrindo-se para o importante diálogo entre a literatura e a História, a obra de António Lobo Antunes é a referência para reflexões sobre as concepções de tempo e suas relações com a memória em conexão com o clássico *A Memória, A História e o Esquecimento*, de Paul Ricoeur. O texto se desdobra entre as nuances da memória e do imaginário permitindo a análise teórica sobre uma memória que se assenta nos sentidos, nas intencionalidades, nos apagamentos e na imaginação.

O weberianismo foi importante para os estudos brasileiros desde os anos 1930, mas também foi questionado por limitações e incongruências e, a partir disso e continuando o mergulho pela teoria, vamos acompanhar Renato Somber Pfeffer na sua crítica à vertente culturalista nas análises sobre a formação social brasileira com seu artigo **A crítica ao paradigma culturalista na interpretação da formação histórica brasileira**. O autor acompanha os teóricos contemporâneos revisionistas na releitura do Patrimonialismo, explicitando suas fragilidades analíticas com relação à possibilidade de implantação de um projeto de democracia liberal em um país em transformação.

Finalizamos esse número trazendo um destaque: a Conferência do professor José D'Assunção Barros, **Seis desafios para a historiografia no novo milênio**. Nessa conferência o autor nos apresenta instigantes reflexões sobre a produção da História do nosso tempo e das próximas décadas destacando o que para ele são os principais desafios para os historiadores: a responsabilidade social, a criatividade na escrita, as novas interdisciplinaridades, a variedade de suportes, a abrangência de públicos e a transferência crítica. De forma didática Barros nos leva a pensar no presente e no futuro e no lugar constituído da escrita da História diante dos limites e dos avanços que o próprio tempo nos coloca.

Vale à pena conferir!

Boa leitura!

Júlia Calvo

Editora da Revista Cadernos de História.